

# Galicia Encantada



ANIVERSARIO  
2005 \* 2025  
Enciclopedia de Fantasia Popular de Galicia

ÁREA RE-CREATIVA

CATEGORÍAS RELACIONADAS

## *A Fada do Soldón (Conto Fantástico)*

® Adeala Figueroa

O nevoeiro começou a ascender desde o fondo do vale. Leves flocos de névoa galgavam póla montanha acima seguidos de unha massa muito mais espessa que se presentava ameaçadora aló no fondo do do vale, subindo desde o V que fazían as montanhas para deixarem passar ao rio.

Seria este, o rio Soldom que, choutando e fervendo entre as pedras e os cachões, o que produzia tantas pingas de água que non podiam ficar presas na sua corrente e por isso escapavam cara o cimo do monte flutuando nas correntes de ar.

Sinda olhou a nuvem ascendente e franziu o gesto. Deveria de chegar á Cruz de Soldóm antes que o fizesse a névoa. Nom gostava andar por essas estradas de montanha com má visibilidade.

Poderia acontecer qualquer cousa entre aquelas cumes, e sobre de aquela estradinha apegada ao abismo pola que agora ia.

Mentres guiava o seu seiscentos, observava com apreensão as rachadas de humidade, mistura de névoa e

orvalho que invadiam mais e mais o caminho.

Os faros davam apenas para enxergar o asfalto preto da estreita estrada, e ela conduzia com dificuldade que ia em aumento a cada passo.

Ontem na casa da Almerinda escutara contar o caso da mulher do Cruzeiro. A Fada do Sodom. Evaristo, oVizinho da Costinha tinha tropeçado com ela quando voltava para a sua casa . Era já entrada a noite- que de inverno a escuridade logo se bota em riba. O Evaristo levava um foco agarrado na mão, com que alumiaava o caminho. Mas, com foco e tudo, estava escuro e via-se mal.

O pobre do homem sei que tropeçou e a lanterna escapou-lhe das mãos. Foi a rolos até que deu contra um corpo. A luz, que nascia do chão para onde o foco tinha ido a parar, deu para enxergar uma mulher sentada aos pés do Cruzeiro de Vite. A lâmpada alumiaava desde abaixo, de maneira que a sua cara parecia mais a duma fantasma que de pessoa humana. A figura inteira era assustadora e sobrenatural. Segundo ele conta, a mulher soltou uma forte gargalhada, que sob a luz da lanterna e no meio da escuridão, parecera o laio desgarrado das ánimas do Purgatório. Evaristo fechou os olhos de instinto e polo medo que apanhou. Quando os voltara abrir a mulher tinha desaparecido. Somente ficava no chão o foco que alumiaava o Cruzeiro que se desenhava sobre a névoa branca-escura. A luz da lâmpada disseminava-se em milheiros de pontinhos que se esparregiam entre as pinguinhas de névoa. A meio desta ficava o fuste de pedra e a imagem difusa da Paixão da Virge que tinha no colo a seu filho descido da Cruz entre as pregas dum manto rústico talhado na pedra.

Evaristo fiz o sinal da cruz e, por sim ou por não, rezou um Nosso Pai e mais um Ave Maria. Apanhou a sua lanterna do chão e foi, cheinho de medo, para casa. Quando lá chegou aterecido de frio e tremendo como um bimbio verde foi-se direto para o leito.

-Evaristo que tens? Perguntava a Filomena, sua mulher. Vou-te dar uma cunquinha de caldo e logo contas-me,que mais pareces um morto do que um vivo.

Mas Evaristo não respostou. Olhou para ela de olhar vácuo e de boca aberta. Dizia a Filomena que semelhava um parvinho que tivesse perdido o sentido.

Logo que tomou o caldinho quente, as cores voltaram-lhe pouco e pouco a cara e deu em falar, tatejando e atropeladamente:

-Era-che ela, Filo, Era-che ela.

-Quem?, meu hominho. De quem falas?

-Da Cuca da casa de Cimavila. Digo-che que che era ela.

-Como iria ser Evaristinho. Como ia ser. Ela morreu. Tu dixesches-mo. Que a deixarais estendida na erva, a beira do rego do Espinho. Ainda contaras-me que o Fuco de Valverde, para comprovar se estava morta, dera-lhe uma patada e que ela não remexeu.

-Mas eu não fui o que lhe disparou, Filomeninha, podes-me crer. Eu apenas ia com eles.

Contei-cho todinho aquela noite. Eu só entrara na taberna tomar um chato que fazia um frio que nem diola. Ali estavam o Fuco e mais o Agustim o da Xoana. Estavam já bêbedos quando foi que eu entrei. E riam e falavam a berros. Diziam que iam a caça. E eu perguntei que caça era essa que se fazia de noite.

-Imos caçar roxos. Ou roxas se não atoparmos outra cousa melhor. Sei que andam agachados no monte, mas nós ímo-los levantar do meio das tojeiras, que bem sabemos onde é que se escondem.

Eu olhava para outro lado, tentando dissimular, mas eles não me deixaram.

-Tens que vir. É pola causa. Imos limpar esta Terra de bandidos intelectuais. Elas são -che as piores. Meten-lhes tontarias na cabeça aos homens e depois são eles quem dão a cara. Mas elas são o demo.

-Venha, Evaristo não sejas covarde. Ou é que tu também és um roxo? Mal é de quem as faze, e pior de quem as consente. Se não vieres imos pensar que tu és um deles.

-Vou sim, Como não vou ir. A mim essas mulheres que se metem em políticas dão-me nojo. Como bem dizeis, há que acabar com elas- Isso foi o que eu respotei. Tinha-lhes medo, Filomena. Mas eu não fui quem disparou. Juro -cho. Eu dissimulei como pude. Tragui saliva ao ver como eles acorrentavam a Cuca, que estava acororada entre os tojos, por detrás duma gasteira grande. Até, e que Deus me perdoe, parecia que estava mijando, pola postura que tinha (fora a i-alma).

-Acouga Venancio, acouga. Põe este tijolo quente na cama. A ver se assim entras em calor. Que ainda che vai dar uma apoplexia.

-Não posso acougar minha mulherinha. Não durmo desde aquele dia. E, agora a Cuca apareceu-se-me. Sentadinha aos pés do Cruzeiro. Mesmo parecia que queria implorar o abrigo de Deus, ou que me acusava ante Ele com seu espírito. Ela vinha-me buscar. A Cuca vai-me levar como já levou ao Fuco e mais ao Agustim.

-Eles morreram. Sim, e que morte mais dura tiveram. O Fuco caiu pola montanha abaixo aos berros. Que dizem que gritava: Não me empurres alma do Demo! E foi dar coa cabeça contra uma pedra da beira do rio. Ali ficou. Mais teso que o Piapáxaro.

-E o Agustim parecido. Caiu de barriga contra a galleta de recolher o tojo que estava algo escondida entre a

erva seca. Alguém deixaria assim num descuido. E ficou chantado nela. Berrava como um cocho, diziam quem o viu.

Agora toca-me a mim, minha Filomena. Mas eu não disparei. Eu só ia com eles, porque tive medo de que me caçassem também a mim coma se fosse um “roxo”.

-Mas, por em quanto, agora tu tranquiliza-te. Já estás na casa. Nada che pode acontecer. Vamos dormir. Já verás como amanhã vais ver tudo de melhor cor. Com a luz do dia tudo se acalma. Fica sossegado, meu hominho.

O Venancio adormeceu, mas nom depois de rebulir no leito sem parada. Até que acalmou. A sua mulher Filomena cuidou que tinha adormecido ,por fim. Mas na manhã seguinte o Venancio estava mais frio que as águas do rio em novembro e mais teso que os carambelos ou xarandões de gelo que penduravam das janelas.

Filomena, aquela noite, achegou-se até o Cruzeiro onde dizia seu homem que se lhe aparecera a Cuca. Deitou água benta e esfregou os chanços e parte do fuste. Ainda rezou ali de joelhos um rosário que dis-que ela era quem melhor o guiava dentre as mulheres da paróquia.

Que se saiba, a Filomena viveu por muitos anos e morreu de velha.

Esta estória contaram-lha á Sinda na taberna, perto da Cruz . Até lhe mostraram o Cruzeiro onde contam que a Cuca se tinha aparecido.

Mentres ia conduzindo, com muito cuidado e desejando chegar a sua casa quanto antes, não parava de pensar na velha do Cruzeiro .Aquele conto remoia-lhe na cabeça e, vela aí que numa volta do caminho o coche foi-se-lhe e foi dar na sanja. Olhou para onde a luz dos faros tropeçaram com um cruzeiro. Ali sentada estava uma figura que parecia de mulher. Com as pernas algo escarranchadas e a cabeça pousada entre as mãos. Os côvados fincados nos joelhos e a vista fixa no caminho.

Sinda teve que descer do veiculo para apreciar os danos. Olhou para a mulher que nem mexera, e interpelou-a:

-Poderia-me ajudar?, por favor.

A mulher virou a cabeça para um lado e para o outro em sinal negativo.

-Pois, daquela,muito obrigada. Por nada.

-Tens que virar e dar marcha para atrás. Não tens nenhum problema Isto dizendo a mulher fez o sinal da cruz.

A Sinda, sem saber porque, fiz também o sinal da cruz e obedeceu-na.

Entrou no coche e comprovou que, efetivamente, este marchava cara atrás, e funcionava perfeitamente. Virou a cara para o Cruzeiro, por lhe agradecer a aquela mulher, mas já não estava. Esfumara-se com a névoa.

A ela ajudara-lhe. Seria que não tinha contas pendentes. Sinda nunca mal lhe fizera a ninguém, polo menos que ela soubesse.

Sinda soube que a aquela mulher aparecida chamam-lhe a Fada do Soldom . Aparece, de preferência, nos dias de névoa. A crença popular é que somente ajuda as pessoas que não fazem mal a ninguém e, ainda também, a aquelas que não têm maus pensamentos contra ninguém.

Mas. Ai de aqueles que fizeram mal ou que pensarem em fazer! Se andarem na noite polos montes do Courel, tenham cuidado. A fada pode tanto ajudar como castigar.

A moraleja desta estória é:

Não fazer mal nem desejar o mal de ninguém, pois, na Galiza há muitos cruzeiros. Em cada um pode haver uma Fada, ou Meiga. Que, se houver névoa, adoita a andar polos caminhos e sentar-se nos chanços do Cruzeiro. Ela pode ter figura de mulher, ou mesmo há quem diz que pode ser transparente, mas mantendo sua figura de mulher todavia.

### **Nota da autora**

Este conto, menos adornado, contou-mo uma amiga de Monte Cubeiro. Como era que havia uma mulher que se aparecia pola noite nos Cruzeiros e que igual que aparecia desaparecia segundo fora fazer o bem ou o mal.

Eu creio que era Meiga ou Fada para ajudar a fazer justiça, quando a dos homens não chega.

Em Galiza disso sabemos muito. Precisamos dos seres mágicos para consolo dos pobres e dos perseguidos pela injustiças dos homens.